

Ensino-aprendizagem em tempos de pandemia: educação em temas sensíveis e valores humanos¹

Paulo Sergio Barros²

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Paulo Freire

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), iniciada no princípio de 2020, gerou incontestáveis influências na nossa sociabilidade (confinamento e distanciamento social), nosso trabalho (remoto, domiciliar), assim como em outros aspectos do nosso cotidiano. As (des)informações sobre a covid-19 divulgadas nas mídias geravam incertezas, medos, solidão e outras emoções que emergiam com outros significados, intensidades e dúvidas a respeito do porvir.

A pandemia é uma experiência inédita para nós que vivemos nesse início de século. Contudo Edgar Morin (2001, 2011) já a destacou como uma das “ameaças” à humanidade. Para o pensador francês, pandemias/epidemias, assim como as armas nucleares, a degradação da biosfera, os efeitos do capitalismo desenfreado, os fanatismos ameaçadores, as ditaduras implacáveis, a possibilidade de novos totalitarismos e as guerras de extermínio são verdadeiras ameaças à existência da espécie humana.

Para muitos de nós, a realidade pandêmica tomou-nos de surpresa, pois representava algo que tínhamos referências somente através de livros de história ou filmes. Parecia-nos distante do nosso tempo, marcado pela informação e pela ciência. Um

¹ Texto originalmente publicado em Pasquinagem nº 17, maio 2021, p. 86-93. ISN 26757974, com o título: Pandemia, exclusão e educação em temas sensíveis.

² Mestre em História, doutorando em educação, professor da Secretaria de Educação do Ceará e voluntário do Vivendo Valores na Educação.

oceano de informações (in)úteis, falsas e negacionistas nos afetavam à medida que sabíamos de notícias sobre o aumento da contaminação e de óbitos no Brasil e no mundo, afetando pessoas conhecidas, colegas de trabalho, estudantes e familiares, “impondo-nos” uma quarentena com isolamento social e os consequentes reflexos nos campos da economia, da educação, do entretenimento, das emoções, do psíquico etc.

A ação letal do vírus nos impôs, subitamente, mudanças de hábitos na proteção e assepsia do corpo, objetos, alimentação, contato com pessoas, uma nova relação com o espaço e relacionamentos domésticos e a “descoberta” e incremento do uso de ambientes virtuais para o trabalho, a comunicação, formas de entretenimento etc.

No âmbito educacional, involuntariamente, adotamos uma realidade de educação remota de emergência e o uso de diferentes tecnologias que, embora já existissem na parafernália da educação a distância, para muitos de nós foi uma novidade com a qual não tivemos outra opção senão a de usá-las de imediato, aprendendo a manejá-las com tutoriais e a ajuda de colegas e estudantes mais alinhados à tecnológica. Esse aspecto foi mencionado em um relato do estudante Euclides (todos os nomes atribuídos a estudantes neste texto são fictícios): “A dificuldade, de início, de alguns professores em manusear aparatos tecnológicos necessários para esse novo tipo de aula era tal que, dos 50 minutos de aula, 20 ficavam à mercê de consertos de coisas triviais, conforme a minha visão e relação com a tecnologia”.

Na verdade, adotamos, subitamente, um modelo de educação virtual sem estarmos preparados pedagógica e tecnologicamente para tal. Escolas e professores realizaram experimentos que dificilmente seriam aceitos em tempos normais. Tivemos que fazer de nossas casas salas de aula e, ademais de desenvolver habilidades tecnológicas e metodológicas, precisamos aprender mais a lidar com as nossas emoções e as dos estudantes no seio de uma realidade educacional que nos demandava paciência, respeito, tolerância, compreensão e flexibilidade em salas virtuais pouco frequentadas, (por diferentes motivos), quase sempre silenciosas e com presentes identificados apenas pelo registro dos nomes e avatares (estes últimos, em grande parte, sem relação nenhuma com a identidade física dos estudantes).

Este texto trata de experiências do autor (professor de uma escola pública de Fortaleza) com educação remota durante o ano de 2020 e os primeiros meses de 2021. Embora cada escola apresente uma realidade peculiar, cremos que a narrativa descreve,

de certa forma, a realidade vivenciada por muitas escolas, docentes e discentes brasileiros; sobretudo aqueles envolvidos com o ensino-aprendizagem em escolas públicas.

Pandemia, educação e exclusão

Segundo o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, “a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados” (2020b, p. 47). Ainda, de acordo com Santos (2020a), qualquer quarentena é discriminatória e mais difícil para uns grupos sociais que para outros. Dentre esses grupos discriminados e vulneráveis está parte considerável dos estudantes de escola pública, em grande medida filhos de assalariados, desempregados ou subempregados, categorias que foram impactadas com o fechamento temporário ou definitivo de diversos espaços que lhes garantiam trabalho.

Para muitos estudantes a suspensão das aulas presenciais afetou sensivelmente a qualidade de aprendizagem. Para alguns significou, literalmente, interromper o estudo, pois não participaram das aulas remotas, tampouco procuraram alternativas oferecidas por algumas escolas (atividades impressas, por exemplo) para os que não tinham acesso à tecnologia necessária para as aulas. A exclusão digital apresentava-se como uma das facetas da desigualdade e injustiça social, a mais severa “comorbidade” no contexto pandêmico. A educação remota de emergência contribuiu para explicitar ainda mais esse panorama de exclusão e injustiças.

Do ponto de vista da sociabilidade, a pandemia também provocou na escola um choque nas formas de convivência como jamais visto. Algo muito particular entre os estudantes, como o toque nas formas de cumprimento, o compartilhar das emoções, palavras, copos, aparelhos de celular, por exemplo, deixou de existir no cotidiano de aprendizagem. Yus (2002) ressalta que o nosso corpo não é só um suporte que reflete as emoções e os sentimentos nas relações interpessoais. Ele é uma autêntica comunicação em si mesmo. Nos toques e trocas frequentes e aparentemente neutros está uma comunicação efetiva, o autoconhecimento, a autoestima, a aprendizagem.

Muitos estudantes viram-se confinados, distantes e circunscritos em ambientes domésticos, geralmente espaços restritos e divididos com familiares e irmãos, também estudantes. O espaço limitado e inadequado e a falta de tecnologia necessária para que a aprendizagem se desenvolvesse de forma coerente explicitaram uma realidade excludente e propícia para aflorar toda sorte de emoções. O relato do estudante Diodoro é ilustrativo:

“A pandemia me arrasou, me deixou sem vontade de fazer nada: estudar, amar, me cuidar, às vezes até de viver”.

Através da comunicação rotineira com colegas professores, estudantes assíduos e de informações que tínhamos sobre aqueles ausentes, sabíamos que muitos não estavam emocionalmente bem por causa da realidade pandêmica, da ausência da escola e de nenhum ou pouco acesso à tecnologia para as aulas remotas. Outros, contudo, dispunham de tecnologia, mas não se sentiam estimulados a participar das aulas. Havia casos de estudantes que encontraram trabalho provisório para ajudar a família ou precisaram cuidar de familiares enfermos e deixaram a escola em segundo plano. Ou ainda aqueles que mudaram de cidade ou estado à procura de melhores condições de vida.

Temas sensíveis e educação em valores

Conforme Barros e Da Costa (2021), a realidade pandêmica deve ser analisada como um momento histórico e social carregado de emoções, politicamente sensível e intelectualmente complexo. Gil e Camargo (2018) e Andrade et al. (2018) corroboram com essa interpretação ao refletir sobre o ensino de história e temas sensíveis. Temas como pandemia da covid-19, racismo, homofobia e outras violações dos direitos humanos estão presentes nos meios de comunicação e são objeto de controvérsia, são delicados e muitas vezes colocam o próprio professor em situações embaraçosas em relação aos conhecimentos, à metodologia e à interpretação ou em função das reações dos estudantes.

Visto por esse prisma, “a experiência cotidiana vivida por professores e estudantes desencadeia uma gama de emoções que requer do educador habilidades para lidar com as mesmas. Não somente a partir da história presente, mas da história como conhecimento para humanizar, aprender a conviver, a dialogar, a compreender a alteridade em seus processos culturais e emocionais” (BARROS e DA COSTA, 2021, p. 233).

Entendemos que a escola deve ser um lócus de debate sobre esses temas, ainda que sejam permeados por traumas, injustiças, preconceitos e sofrimentos. O papel da educação é a compreensão dos processos históricos que tornaram possíveis conflitos, incertezas, injustiças e, a partir disso, permitir a reflexão sobre o cotidiano de forma problematizadora, convertendo-o em cognoscível e pertinente.

Nossa formação para educadores foi falha na preparação para lidar com as emoções subjacentes a temáticas sensíveis. No que tange à realidade pandêmica que vivemos, muitos educadores não se sentem seguros ou estimulados a tratá-la como uma

questão sensível e objeto de reflexão em sala de aula. A escola, conforme asseveram Barros e Da Costa (2021, p. 233), “não foi chamada a discutir, refletir e ouvir sobre os medos, os traumas, as injustiças, os preconceitos e os sofrimentos que subjazem as histórias imediatas no seio de tal realidade”.

Sobre o papel da escola no contexto pandêmico, Barros e Da Costa (2021) destacam alguns pontos para a nossa reflexão.

1- O ensino-aprendizagem deve considerar que a pandemia é um evento que transpassa o social, o cultural, o histórico, o psicológico, o emocional etc. Portanto, é essencial a leitura, o debate, o intercâmbio de ideias e experiências, de forma que a temática seja compreendida e abordada de maneira que encontremos estratégias adequadas para considerar as emoções que emergem em seu contexto.

2 - A educação em temas sensíveis faz parte da formação para uma cidadania politicamente crítica, humanizada e planetária e envolve aspectos como questões sanitárias, justiça social, direitos humanos, assim como a empatia, a solidariedade, o respeito e a generosidade nos relacionamentos em uma perspectiva intercultural.

3 - O ensino-aprendizagem durante a pandemia tem se centrado nos conteúdos curriculares tradicionais, correndo contra o “tempo perdido” para que os estudantes não sejam prejudicados cognitivamente e nas avaliações externas (Enem, vestibular). Dessa forma, tem se descuidado ou mesmo negligenciado o mundo dos afetos e das emoções.

4 - As transformações na circulação dos afetos no espaço educacional (controlados, mas também livres na esfera presencial) passam a demandar preparo de professores e estudantes para a superação de seus limites e novas configurações em salas de aula virtuais. Esse novo formato de ensino-aprendizagem também deve oferecer uma atmosfera de segurança e afeto onde os sentimentos tenham o poder de despertar a aprendizagem autônoma dos estudantes.

Esses afetos são denominados por Tillman e Colomina (2003) e Medeiros et al. (2018) de valores humanos ou de competências socioemocionais, conforme a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (Brasil, 2017). Seja como for, são seminais na formação humana dos estudantes e constituem o que Tillman e Colomina (2003) denominam atmosfera de valores. De acordo com as autoras, uma educação centrada nos valores humanos passa pela praticidade e pelo dinamismo na vida escolar e cotidiana dentro e fora da escola, de forma que os estudantes possam fazer escolhas sociais e pessoais positivas e desenvolvam comportamentos e traços de personalidade baseados em

valores que os transformem em cidadãos comprometidos com seus valores pessoais e com uma cultura de paz. A reflexão e a prática de valores humanos no currículo, assim como em outras instâncias do fazer educação, cria uma atmosfera para que os estudantes desenvolvam habilidades conectadas a seu crescimento cognitivo, emocional e espiritual, para que sejam capazes de comprometer-se a levar esses valores em suas vidas.

Uma atmosfera de valores é um ambiente afetivo, respeitoso e positivo onde um indivíduo pode desenvolver-se e aprender. Uns lócus onde os estudantes se sentem amados, respeitados, escutados, valorizados e seguros; e desenvolvem habilidades pessoais, sociais e emocionais. Tal atmosfera incentiva os estudantes a refletir sobre os fatos sociais, o meio ambiente, as implicações práticas dos valores nos relacionamentos e entender que por trás das injustiças, das desigualdades sociais, dos conflitos, dos preconceitos e da devastação ambiental está a ausência dos valores humanos. No âmbito escolar essa atmosfera afeta todos os sujeitos envolvidos, com afetos, emoções e valores que criam possibilidades para uma educação humanizadora e libertadora.

Contudo o grande desafio para os professores é a realidade das salas virtuais nas quais se manifestam distintas emoções como apatia, medo, solidão, incerteza etc. Provavelmente as mesmas emoções vividas pelos docentes. É possível que todos nós, professores e estudantes, quiséssemos, em muitos momentos, ser escutados, respeitados, compreendidos e acolhidos. Nesse sentido, a educação em valores não se apresenta como uma opção, mas como uma necessidade primordial para que os indivíduos se sintam compreendidos, aceitos e em segurança nos percursos de ensino-aprendizagem. Se em contextos “normais” de educação, os valores humanos, as emoções e os afetos são relevantes para a aprendizagem, o desenvolvimento e os relacionamentos, em tempos sensíveis como os que vivemos, tornam-se ainda mais necessários.

Atmosfera de valores em espaços virtuais de aprendizagem

A escola como instituição social proporciona diferentes formas de sociabilidade que envolvem conflitos, em suas várias facetas, e relações que expressam alegria, aprendizado, cooperação, afetividade etc. Essa realidade, conforme o direcionamento pedagógico que se dê a ela, torna-se experiências de ensino-aprendizagem holísticas que contribuem para um convívio compreensivo e intercultural com as diferenças.

Os comportamentos dos estudantes em ambientes convencionais e virtuais de aprendizagem são distintos. Os barulhos incômodos das salas de aula físicas foram, em grande medida, substituídos por ausências e silêncios incômodos nas salas virtuais. Nestas não enfrentamos as mesmas tensões emocionais dos conflitos cotidianos de uma escola de adolescentes, o que não quer dizer que elas inexistiram. De fato, expressaram-se através de preocupações, incertezas, cobranças, críticas etc. Concomitantemente, percebemos o incremento da solidariedade, da compreensão, da flexibilidade e do respeito com a situação do outro. Para Santos (2020b) a pandemia fomentou a comunhão, fortalecendo a nossa condição de ser social, humano. Não obstante as dificuldades nas interações pedagógicas, essa energia de comunhão, de solidariedade e de empatia foi essencial para criar uma atmosfera de valores nos espaços virtuais de aprendizagem.

Ressaltamos que isso passa, necessariamente, pelo interesse do educador e pelo projeto pedagógico da escola. A educação no contexto da pandemia demanda de cada instituição uma leitura adequada das emoções vividas por estudantes e professores no fazer educação. Maturana (2001) nos sugere que se a educação não se torna uma ação no espaço de vida cotidiano do estudante, a mesma não serve ao estudante. Podemos estender a reflexão do autor à realidade docente. Se não refletirmos sobre a história vivida com toda a sua complexidade, passaremos por um momento singular de nossas vidas e da humanidade sem aprendermos e compreendermos a dimensão do acontecido, das mudanças ocorridas e das necessárias novas formas de convivência interpessoal na ação de ensino-aprendizagem. A educação terá perdido parte de sua relevância por não ter sido pertinente ao momento histórico e às demandas da humanidade; por ter perdido a oportunidade de renovar-se e encontrar novas sendas que nos conduzam a superar os parâmetros educacionais pautados na competitividade e na fomentação de injustiças e desigualdades típicas do modelo socioeconômico neoliberal.

Objetivando criar e manter uma atmosfera de valores no ambiente virtual de ensino-aprendizagem propúnhamos curtos diálogos, leitura de poemas, escutar uma canção ou um exercício de visualização criativa almejando a concentração, a observação e a compreensão de pensamentos e emoções. Era uma oportunidade para abrir espaços para sabermos sobre o bem-estar dos estudantes, de novidades, de experiências entusiasmantes, dos processos de realização das atividades pedagógicas e sobre as dúvidas e dificuldades inerentes à aprendizagem. Contudo, embora os estudantes

apreciassem esses momentos, os poucos que compartilhavam tratavam da pandemia e de toda sorte de emoções relacionadas a ela: medo, insegurança, incerteza, apatia etc.

É provável que estejamos passando por essa onda pandêmica sem considerarmos a devida aceitação e respeito aos estudantes. Dentre os diferentes fatores que contribuem para isso estão os silêncios, as ausências, a pouca interação. Durante todo um ano letivo, vimos os rostos de umas duas dezenas deles. As poucas vezes que procurávamos ouvir seus sentimentos, ideias, perspectivas sobre a realidade presente e o porvir, uma porcentagem mínima se expressava, e o silêncio se manifestava como resposta para a maioria. Muitas vezes tínhamos dúvidas se de fato tínhamos 30, 40 ou 50 estudantes participando da aula. As insistências tinham, frequentemente, respostas como: “Estou lhe entendendo professor”. “Ficou tudo claro”. “Não tenho opinião”. “Não quero falar”. Ou manifestações no “bate-papo”: “Estou sem fone”. “Meu celular não tem câmera” etc.

No final do ano letivo de 2020, uma aula foi dedicada à expressão artística (música, desenho, poesia etc.) e de suas experiências pessoais de forma verbal ou escrita. As narrativas que se manifestaram através dos poemas, desenhos, textos e falas compartilhados giravam em torno das mesmas questões: a pandemia e seus desdobramentos sociais, econômicos, sanitários e emocionais. Apropriamo-nos de opiniões escritas de três estudantes, compartilhadas no espaço de bate-papo da sala de aula virtual ou por *WhatsApp*.

O primeiro texto que citamos é um extrato de um relato de três páginas feito por Euclides. Sua narrativa permeia os sentimentos e experiências de outros discentes expressas através de falas, pequenos textos, atividades escolares e criações artísticas. Malgrado a inteligência, a responsabilidade e a dedicação desse estudante, o mesmo destaca como foi afetado pela pandemia e as consequências sociais e emocionais que a ela subjaziam. Ele destaca, contudo, críticas às aulas, sobretudo ao modelo de educação que não sofreu mudanças, ainda que a realidade demandasse.

A cobrança por resultados continuava, os mais inteligentes tomaram a rápida e brilhante decisão de entregá-los, prezando pelo máximo de qualidade nos estudos e mantendo a saúde psicológica e emocional em dia. Eram muitas atividades por dia, ressaltando a desconsideração do contexto social que impactava diretamente nosso aprendizado. Com atividades pendentes de assimilação, adotei uma prática de aprendizado autodidata e precária. Essa foi a melhor decisão que eu tomei na minha vida. Não obstante outros colegas [...] continuassem a tentar manter a excelência nos resultados, a maioria não aguentou até o mês de julho [...]. Alguns abandonaram, de uma vez, todas as obrigações com a escola. Em síntese, à medida que o tempo passava, a moral e a força de vontade dos estudantes foram caindo de forma

semelhante ao gráfico de propagação de casos de Covid-19. Infelizmente do modo inverso [...]. À proporção que os meses transcorriam, o número de alunos presentes caía vertiginosamente [...]. O nível de engajamento de meus colegas era extremamente baixo. Quando observávamos o ambiente de presentes, era incrível. Víamos um rosto que era sempre o mesmo, a do professor, cuja vergonha estampada no rosto era perceptível até aos olhos desatentos.

A vivência de Sócrates ressalta, essencialmente, o impacto emocional sofrido por ele durante o primeiro ano de pandemia:

Minha experiência com esse ano foi uma montanha-russa. Havia momentos onde estava tudo bem, eu estava feliz. Mas tinha momentos que eu não conseguia nem sequer sorrir devido a tudo que eu pensava e as várias paranoias que "gritavam" em meus ouvidos. Está sendo um ano louco, me aproximei mais de amigos, criei laços fantásticos, me descobri mais e tentei novas coisas como afazeres domésticos e meditar [...]. Com relação às atividades, por um tempo eu tinha forças para fazer, mas a cada bimestre eu procrastinava mais e mais, até que chegou um momento que eu não sentia mais vontade de fazer nada [...]. Eu espero poder me encaixar de novo com essa bagunça que a minha vida ficou e que no próximo ano eu possa ver todos os meus amigos e professores. Enfim, tenho saudade do colégio.

Diodoro se vê como um privilegiado por não ter passado por nenhuma “tragédia física” ocasionada pela pandemia: morte, desemprego e fome na família. Ele assinala, contudo, que passou

Por momentos de sofrimento causado pela ansiedade diagnosticada por médicos e psicólogos [...]. Não tenho crises com frequência. Quando estou com essas crises consigo parar e me acalmar, consigo relaxar [...]. Mas no ano de 2020 descobri coisas memoráveis sobre o meu tesão e o meu repúdio. Quando a gente fica muito tempo só e isolado descobre coisas da gente mesmo. Gosto da escola e agora sei que lá é um ótimo lugar, e acho que o grande motivo de querer cursar uma licenciatura é o medo de sair de lá [...]. Eu pensei também nas certezas e incertezas da minha sexualidade e crença religiosa.

As narrativas discentes ressaltam as várias dimensões observadas no ensino-aprendizagem que, se não são novas, acentuaram-se em tempos de pandemia: as emoções tensas que vieram à tona, os impactos socioeconômicos em suas famílias, as mudanças nas formas de sociabilidade, as contaminações e mortes de parentes, as críticas ao modelo de aulas remotas, a exclusão digital e as dificuldades de aprendizado. Destacaram também descobertas, certezas, determinação, resiliência e a solidariedade e a compreensão com colegas, familiares e professores.

Creemos que a opinião discente é tão eloquente quanto a docente ou mesmo da macroestrutura educacional para compreendermos e tomarmos decisões no que concerne à educação remota no presente no porvir, ainda pleno de incertezas.

Um percurso de aprendizados para o presente e o porvir

A já quase longa jornada educacional em tempos de pandemia tem nos proporcionado muitas reflexões e aprendizados, além de nos ter demandado estratégias tecnológicas, emocionais e pedagógicas. À guisa de conclusão, citamos alguns desses aprendizados e reflexões para o resto da jornada e além.

1 - Em situações sensíveis como uma pandemia, precisamos aprender mais a lidar com as emoções que emergem no contexto de ensino-aprendizagem e afetam docentes e discentes.

2 - Precisamos compreender a pandemia como um evento histórico inédito e carregado de emoções de incertezas e medos que devem ser tratados pedagogicamente e relacionados às experiências de vida de estudantes e docentes, ao currículo e ao dia a dia de modo que possamos pensar sobre nossas vidas e mudá-las, respeitando mais a nós mesmos e aos outros. Senão a educação perderá a oportunidade de renovar-se, de encontrar novas sendas, não terá sido pertinente às demandas da humanidade.

3 - A educação em valores humanos deve estar no cerne do currículo não como uma opção ou em momentos delicados, mas como uma necessidade e deve ser dinâmica e cotidiana na vida escolar, de forma que os estudantes possam ser inspirados a fazer escolhas sociais e pessoais positivas e desenvolvam uma prática cidadã terrena tecida pelo diálogo intercultural e uma consciência ecológica e espiritual.

4 - Parece-nos ser urgente a ressignificação da educação pela macroestrutura educacional, de forma a adentrar, com mais afinco em uma perspectiva holística, distanciando-se da competitividade e de outros valores excludentes propagados pelo neoliberalismo.

5 - A escola e os docentes devem proporcionar mais abertura para as narrativas discentes. Os incômodos silêncios e ausências nas salas virtuais vão além da exclusão digital. São eloquentes e querem nos dizer algo sobre as atitudes dos sujeitos e das instituições envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

6 - A pandemia fez emergir entre docentes e estudantes, de maneira mais poderosa, a solidariedade, a compreensão, o respeito e a empatia, contribuindo para que a dignidade humana florescesse com mais esperança e apreço.

Referências

BARROS, P., & DA COSTA, J. Pedagogía en tiempos de pandemia: afectos y memorias de la enseñanza-aprendizaje. **593 Digital Publisher CEIT**, V. 6, nº 2-1, p. 229-241, 2021. <https://doi.org/10.33386/593dp.2021.2-1.505>. Disponível em: https://www.593dp.com/index.php/593_Digital_Publisher/article/view/505. Acesso em: 15 mai. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

GIL, C. Z. V. & EUGÊNIO, J. C. Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 139-159, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.430>. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430>. Acesso em: 15 mai. 2021.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje en educación y política**. Ed. Dolmen Ensayo, 2001.

MEDEIROS. M. M. L.; SILVA, P. C.; OLIVEIRA, A. M. (Orgs.). **Programa VIVE Rudá: reconectando com nossa essência**. São Paulo: Brahma Kumaris, 2018.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.

MORIN, E. **La vía: para el futuro de la humanidad**. Barcelona: Paidós, 2011.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020a.

SANTOS, B. S. **Vírus: tudo que é sólido desmancha no ar**. In: TOSTES, A.; MELO FILHO, H. (Orgs.). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. Bauru, SP: Canal6 Editora, 2020b.

TILLMAN, D., & COLOMINA, P. Q. **LVEP Educator Training Guide** (1ª ed.). Publisher, Sterling, 2003.

YUS, R. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.